
GÊNERO, IDENTIDADE E ESTIGMATIZAÇÃO EM “O PRÍNCIPE SAPO”, DE CAIO FERNANDO ABREU

GENDER, IDENTITY AND STIGMATIZATION IN “THE FROG PRINCE”, BY CAIO
FERNANDO ABREU

Ana Paula Ohe¹⁰

RESUMO: O objetivo deste artigo é refletir a relação entre gênero, identidade e estigmatização no conto “O Príncipe Sapo”, de Caio Fernando Abreu. Teresa, personagem principal, é uma mulher de meia-idade, “feia”, que não conseguiu se casar e por isso sofre com a identidade de solteirona. Educada segundo um modelo tradicional e moradora de uma cidade pequena, vemos através de Teresa os “lugares” do gênero e as dificuldades de mudanças. Utilizaremos como referencial teórico os Estudos Feministas, os Estudos Culturais e as teorizações de Guacira Lopes Louro, Tomaz Tadeu da Silva, Erving Goffman e Michel Foucault.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Identidade; Estigma; Exclusão Social.

ABSTRACT: The objective of this work is to think about the relation among gender, identity and stigmatization in the short story “The Frog Prince” by Caio Fernando Abreu. Teresa, the main character, is a half aged woman, “ugly”, who could not get married and therefore suffers from the identity of spinster. Educated according to a traditional model and living in a small town, we see through Teresa the “places” of the gender and the difficulty of changes. We will use as theoretical reference the Feminist Studies, the Cultural Studies and the Guacira Lopes Louro, Tomaz Tadeu da Silva, Erving Goffman and Michel Foucault’s theorizations.

KEYWORDS: Gender; Identity; Stigma; Social Exclusion.

1. GÊNERO, IDENTIDADE E ESTIGMATIZAÇÃO

Desde a Antiguidade, inúmeros discursos ocultaram as mulheres, construindo e (re)afirmando desigualdades de sexo e de gênero. Embasado numa perspectiva androcêntrica¹¹, o fazer histórico tradicional excluiu as mulheres das páginas dos livros e as submetem a uma

¹⁰ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Mestra em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de São José do Rio Preto. E-mail: paulinha.t@hotmail.com

¹¹ O androcentrismo consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo o que ocorre em nosso mundo, como o único capaz de ditar as leis, de impor a justiça, de governar o mundo (MORENO, 1999, p. 23).

compreensão biologicizada de seu corpo, “predestinado-o” à maternidade, relacionado-as ainda, aos afazeres domésticos, aos cuidados dos filhos, às artes manuais e à obediência ao marido e à religião.

Conduzidas à invisibilidade como sujeito, pode-se dizer que a história das mulheres é uma história recente. Desde o século XIX, momento em que a História se transforma em disciplina científica, o lugar ocupado pelas mulheres dependeu das representações feitas pelos homens, até então, únicos historiadores reconhecidos a escrever, descrever e a ordenar o mundo segundo seus próprios pontos de vistas (COLLING, 2004, p. 30). A universalidade do “eles” perpetuou a hegemonia masculina legitimando-a como única e verdadeira, propagando uma suposta superioridade masculina enquanto normal e natural. Nesse sentido, falar do feminino é trazer à tona as diferentes formas como as mulheres foram representadas ao longo da História.

A fim de tornar visíveis aquelas que por tanto tempo foram segregadas e silenciadas, os Estudos Feministas trouxeram para a discussão a sexualidade feminina, o controle da concepção, o aborto, a dupla jornada de trabalho, a discriminação econômica, social e política, temas até então ausentes do campo acadêmico.

O conceito de gênero (*gender*) foi introduzido pelas feministas em meados da década de 1970 com o intuito de distanciar-se da compreensão de sexualidade enquanto circunscrita puramente ao biológico contido no uso do termo sexo (*sex*).

Contrapondo-se às concepções essencialistas presentes nos mais variados discursos – religiosos, médicos, jurídicos, pedagógicos – o conceito de gênero vem se consolidando desde então, enfatizando os processos de construção histórico, linguístico e social (FELIPE; GUIZZO, 2013).

O gênero diz respeito “ao modo como as chamadas diferenças sexuais são representadas ou valorizadas, refere-se àquilo que se diz ou se pensa sobre tais diferenças, no âmbito de uma dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto” (LOURO, 2000, p. 26). Nesta perspectiva, a construção dos gêneros e das sexualidades se dá através de aprendizagens e práticas, insinuando-se nas mais diferentes situações, sendo empreendida num conjunto de instâncias sociais e culturais que nunca é neutro e, tampouco, linear.

Constituímo-nos homens e mulheres a partir das referências e das influências que vamos tendo ao longo da vida. De acordo com Tomaz Tadeu da Silva (2007), afirmar ser alguém implica uma extensa cadeia de negações na qual a diferença se portaria sempre como um produto derivado da identidade, quando na verdade, identidade e diferença são partes de um mesmo processo de

produção e que “não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido” (SILVA, 2007, p. 78). Para o referido autor, a identidade está sempre ligada a uma forte separação entre um “nós” e um “eles”, demarcação esta, em que tais pronomes deixam de ser meras distinções gramaticais para se tornarem indicadores de posições-de-sujeito sempre marcadas por relações de poder. Nesse sentido,

há um vínculo estreito e inseparável entre significação e poder. Significar, em última análise, é fazer valer significados particulares. Na verdade, esse diferencial de poder não é inteiramente externo ao processo de significação; as relações de poder são elas próprias, ao menos em parte, o resultado de práticas de significação (SILVA, 2007, p. 23).

Não existe nada de natural no gênero, trata-se de significados que vão se fazendo, se consolidando, se transformando, devendo esse conceito ser compreendido em torno do papel produtivo da linguagem.

A linguagem transcende as fronteiras de sua função comunicativa ao possibilitar que o sujeito possa constituir-se e reconhecer-se enquanto tal, conhecendo e se apropriando do mundo e de seus significados. Como sistematiza Zandra Elisa Argüello (2005), à medida que aprendemos a linguagem, constituímos nossa identidade e a dos outrosnum mesmo processo, visto que a linguagem define subjetividade, delimitando o ordenamento do entorno social. Para a autora, “ao criar as categorias masculina e feminina para nomear identidades de gênero, criam-se sentidos que pautam tais identidades; sentidos arbitrários, construídos, contingentes, uma vez que são os discursos que atribuem força e legitimidade a aquilo de que falam” (ARGÜELLO, 2005, p. 69).

De acordo com Guacira Lopes Louro (1997), mais do que expressar relações de poder, a linguagem institui “lugares” do gênero, produzindo e pretendendo fixar diferenças e desigualdades.

A construção de identidades e de diferenças está estreitamente ligada ao modo como as sociedades produzem e utilizam classificações sempre a partir do ponto de vista da identidade, passando, portanto, a dividir, classificar, hierarquizar e a atribuir diferentes valores àqueles classificados.

Para Antonio da Costa Ciampa (1994), a identidade de um indivíduo se configura como uma “unidade da multiplicidade”, pois apesar de ser uma totalidade, a cada momento é apenas uma parte que se manifesta como um desdobramento das múltiplas determinações a que está sujeito. Na vida em sociedade, a toda identidade que se apresenta é esperada certa continuidade dos papéis a ela inerentes, no entanto, a permanência e a estabilidade esperadas podem ser rompidas quando não há a “reposição” esperada. Quando essa “parte”, que passa a totalizar o indivíduo, é colocada

em evidência, sobressaindo, nela, um caractere tido como negativo ou mesmo um rótulo adquirido por meio de um traço ou comportamento tido como “desviante”, ocorre, aí, aquilo que Erving Goffman (2004) denomina “estigma”, ou seja, um atributo profundamente depreciativo, que reduz o indivíduo a alguém “defeituoso” e “menos desejável” e, assim, “deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída” (GOFFMAN, 2004, p. 6).

Em seus estudos, Goffman (2004) classifica os estigmatizados em duas categorias distintas: a dos *desacreditados* e a dos *desacreditáveis*. Os desacreditados correspondem ao grupo de pessoas estigmatizadas que sabem que sua característica distintiva – como, por exemplo, alguma deformidade física – é visivelmente percebida, e, portanto, do conhecimento dos demais. Nos desacreditáveis, entretanto, o estigma não é imediatamente percebido. A principal diferença existente entre as duas categorias citadas reside na possibilidade de ocultamento e manipulação daquilo considerado estigma.

O gênero é parte da identidade dos sujeitos. Assim como classe, etnia, nacionalidade compõem essa “multiplicidade”, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, admitindo-se, portanto, que “as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros (LOURO, 1997, p. 25).

Os comportamentos e representações acerca do gênero são sempre invenções sociais de um tempo e de uma cultura. No entanto, as ideias sobre a produção de identidades de homens e mulheres passam a ser disseminadas no senso comum que, por sua vez, tende a assumi-las como esperadas, desejadas, “normais”.

Embora não apareçam com frequência ocupando um lugar central nos contos de Caio Fernando Abreu, as personagens femininas do escritor gaúcho, tampouco, passam despercebidas. Ora elas estremeçam certos paradigmas historicamente construídos, ora são por eles conformadas, mas sempre pondo em evidência os prazeres e as angústias do “ser mulher”, seja ela de meia-idade, solteira, sexualmente ativa, fora dos padrões de beleza culturalmente estabelecidos e desejados, independentes economicamente, (nem sempre) recatadas e submissas, enfim, (sobre)viventes numa sociedade que conserva traços e valores de uma tradição patriarcal e segregacionista em relação ao sexo feminino.

2. IDENTIDADES E DIFERENÇAS: ASSIM É TERESA

Teresa é a personagem principal de “O Príncipe Sapo”, uma mulher solteira de trinta e oito anos, que não perde a esperança de um dia se casar. Destituída de beleza e com a idade avançada para os padrões sociais vigentes, ela não desperta o interesse dos homens da pequena cidade em que vive. Infeliz com a rotina desinteressante que tornara sua vida, a protagonista se refugia no mundo dos contos de fadas, onde inspirada pelas narrativas de finais felizes, Teresa decide procurar por aquele que seria o seu príncipe encantado e realizar o seu sonho de subir ao altar.

Em “O príncipe Sapo” a maioria das personagens possuem nomes próprios, característica pouco comum na obra de Caio Fernando Abreu, povoada, geralmente, por personagens anônimas. O nome Teresa é considerado pelo narrador um “nome comum, que não lembrava nada nem ninguém – a não ser as duas santas¹², a Teresinha de Jesus na música infantil e a Teresa Cristina imperatriz” (ABREU, 2002, p. 44).

A menção à Teresinha de Jesus e à Tereza Cristina parece conferir alguma identidade à protagonista, o que é prontamente negado pelo comentário enfático do narrador: “com as quais, aliás, nem um pouco ela se parecia [...] e santa isso eu garanto que ela nunca foi” (ABREU, 2002, p. 44), o que afasta a ideia de uma vida virtuosa.

Apesar de negar qualquer aproximação com as referidas santas, é possível identificar no cristianismo dois paradigmas do feminino que, ao longo do tempo, vêm enquadrando a percepção social das mulheres: a) Eva, relacionada aos mitos da criação do mundo e ao pecado original; b) Maria, representante da graça e da obediência a Deus, modelos, estes, que por muito tempo têm sido fundamentais na definição do “lugar destinado” às mulheres não apenas dentro da Igreja Católica, como também no contexto mais vasto da sociedade e da cultura (TEDESCHI, 2012). É interessante observarmos que a vida de Teresa transita entre essas duas imagens fundadoras, aquela que “peca” e é “punida” com a “dura” realidade e aquela cuja vida é regida pela obediência.

O narrador informa também que “Teresa vinha de uma família muito numerosa. Onze irmãs. Todas com T de inicial no nome também” (ABREU, 2002, p. 44) e, todas, com exceção de Teresa, conseguiram se casar. Desse modo, o laço consanguíneo e a letra inicial do nome funcionam

¹²Santa Teresa do Menino Jesus foi uma religiosa francesa (1832 – 1897) que se tornou um exemplo de mulher pela vida simples, marcada pelas provações e superações na busca de um caminho para chegar a Deus, uma vida curta, mas dedicada à religião e à santidade. Por sua vez, Teresa Cristina Maria de Bourbon, princesa das Duas Sicílias e terceira imperatriz do Brasil, era conhecida por sua discrição, generosidade e pelo gosto e incentivo à cultura e às artes, trazendo consigo, na sua vinda para o país, artistas, músicos, cientistas, intelectuais e artesãos (LAROUSSE, 1998, p. 5646-5647. v. 23).

como um signo de identidade entre Teresa e suas irmãs, contudo, o fato de não ter se casado destaca a sua diferença em relação a elas.

A descrição que é feita de Teresa ressalta a falta de atrativos da protagonista: “bonita mesmo ela nunca foi, sobre isso, todos sempre estiveram de acordo. Ainda mais agora, já quarentona [...]” (ABREU, 2002, p. 43), e mesmo sendo a “mais inteligente, mais desembaraçada, mais elegante” (ABREU, 2002, p. 44-45), Teresa é aquela que não consegue se casar.

Esse comentário evidencia o modo como Teresa é vista pelas demais personagens, além de ilustrar um modelo idealizado de mulher numa sociedade machista e patriarcal que preza o corpo jovem e belo capaz de despertar o desejo masculino, bem como a ausência ou negação da inteligência feminina.

No conto, a identidade de Teresa é constituída, sobretudo, a partir dos estigmas da idade e da feiúra, que podem ser tomados na classificação de Goffman (2004) como desacreditados, visto ser do conhecimento dos demais. Os fatos de Teresa estar solteira e de ser virgem indicam que ela não realizou o “destino” comum às mulheres: o casamento, no qual se supõe a heterossexualidade e se espera a maternidade.

De acordo com Maria de Fátima Araújo (2002), da Antiguidade à Idade Média, o principal papel do casamento era a aliança, fazendo da sexualidade para a procriação parte da aliança firmada. Sendo parte do patrimônio familiar, a mulher é o objeto de troca num contrato estabelecido entre homens, selando a união de duas famílias e perpetuando a linhagem e riquezas. Com a queda do Império Romano no século V, a Igreja passa a estender seu poder sobre o casamento, legitimando-o, séculos mais tarde, como único lugar legítimo da sexualidade com fins de procriação.

Para François de Singly (2007), entre o século XIX até os anos de 1960, o ideal do amor romântico tornou-se o elemento principal na constituição familiar, bem como para a sua manutenção. Na contemporaneidade, o casamento deixou de ser justificado pelos interesses econômicos e sociais, cedendo lugar para o amor, de modo que o casamento e a família passam a constituir-se como “um dos veículos ideais para ser feliz, para a realização de si mesmo” (SINGLY, 2007, p. 132).

Nessa perspectiva, o ideal de felicidade de Teresa residia no amor (platônico) que nutria por Gonçalo, seu primo, homem de olhos verdes e exímio tocador de violão. No entanto, sua esperança se desfaz no nono casamento quando Gonçalo se casa com Tanira, uma das irmãs da protagonista que passa a não mais disfarçar sua amargura.

Desiludida com o que encontra na realidade, a protagonista se refugia nos sonhos eróticos com Gonçalo, agora, seu cunhado. Tais sonhos refletem a perturbação emocional e afetiva vivida por ela na esfera do real.

Em *História da sexualidade I*, Michel Foucault (1997) argumenta sobre o sexo posto em discurso e como os discursos sobre a sexualidade passaram a regular o indivíduo, não a partir de uma hipótese repressiva, mas produtiva. A partir de uma série de dispositivos de poder, cria-se aquilo que o autor denomina “polícia do sexo”, ou seja, uma “necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição” (FOUCAULT, 1997, p. 28). Para o autor, “o que é próprio das sociedades modernas não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo” (FOUCAULT, 1997, p. 36).

Tendo recebido uma educação tradicional sujeita às convenções sociais e religiosas, Teresa se sente culpada e envergonhada por desejar o primo; desejo que não é correspondido. A repressão sexual faz com que a protagonista passe a manter vigilância sobre si durante o dia, libertando-se da solidão em seus sonhos noturnos. Ela também é constantemente vigiada por sua família e pela vizinhança, ainda mais quando a reputação e a herança da família que Teresa herdara com a morte dos pais estão em jogo.

A vida da protagonista se reduz a uma rotina desinteressante: visitar as irmãs no decorrer da semana, assistir à missa e ir ao cemitério aos sábados. Nota-se, que mesmo levando uma vida infeliz, Teresa tenta enquadrar-se naquilo que lhe é esperado: o luto, a família, a religião, o confinamento, “repondo” continuamente a identidade social de mulher de meia-idade, solteira, religiosa, membro de família tradicional de uma cidade pequena.

Sozinha em sua casa, para passar o tempo, Teresa habitou-se à leitura, especialmente as narrativas infantis. A permanência no espaço doméstico e as leituras contínuas sugerem tempo livre, revelando que Teresa é uma mulher que não trabalha. A ausência de um emprego reforça o “lugar social” da mulher confinada ao lar e à dependência econômica vinda de outrem.

No conto, a atividade de leitura sugere também a necessidade, por parte da personagem, de apegar-se a algo ou alguém, pondo em destaque a sua carência afetiva. A opção pelas histórias do universo do faz-de-conta, além de funcionar como uma negação de sua realidade, atua como uma espécie de empoderamento para a protagonista que passa a “vingar-se” de seu grupo social ao apelidá-los secretamente com os nomes das personagens das histórias lidas:

Branca de neve era moça branca e anêmica, dizem que tuberculosa, filha de seu Libório açougueiro que, por sua vez, era o gigante de João e o Pé de Feijão. As irmãs Rosa Branca e Rosa Vermelha, as duas metidas filhas do médico, e a Moura Torta, a portuguesa da venda, coitada, tão boazinha apesar do narigão e da corcunda (ABREU, 2002, p. 46-47).

No controle da situação possibilitada pelos contos de fadas, Teresa passa a enfrentar o problema que mais a aflige: ser solteira. E assim, após reler sua história favorita, a do *Príncipe Sapo*¹³, ela passa a observar pela janela de seu quarto todos os homens da cidade a fim de eleger aquele que seria o seu príncipe. Contudo, mesmo insistindo nessa busca, a própria protagonista vivencia um conflito entre aquilo que deseja e o que lhe é esperado socialmente, e, assim, defronte ao espelho, ela “chamava-se em voz alta de besta, besta, besta. Estava ficando louca e velha e feia e quase quarentona e ressecada e cínica, até cínica, meu Deus. Chorava” (ABREU, 2002, p. 47).

Tal conflito reflete uma educação tradicional pautada na relação desigual de gênero, na qual

ao contrário dos homens, as mulheres foram/são ensinadas a “cuidar” de todos os familiares, menos dela, a serem guardiãs dos laços familiares e da tradição. Por isso, quando adultas, apresentam dificuldades em pedir ajuda, carregam uma sensação de culpa e responsabilidade expressa na fala e sofrem por situações que não se originaram de suas ações ou de sua vontade (TEDESCHI, 2012, p. 38).

No conto, o espelho representa ser visto através do olhar do outro, a opinião social, entrando em choque o desejo, a sexualidade e a repressão feminina.

3. EM BUSCA DE UM PRÍNCIPE

Inicialmente, Teresa passa a procurar por seu príncipe tendo como modelo a imagem idealizada de homem reproduzida pelos contos de fadas. No conto, mais do que por semelhanças

¹³ Na clássica história escrita pelos irmãos Grimm, uma mimada princesa, ao brincar com sua bola de ouro deixa-a cair em um lago profundo. Tomada pela tristeza de perder seu brinquedo favorito, a princesa começa a chorar, chamando a atenção de um sapo que ali se encontrava. Disposto a ajudar a bela princesa, o sapo se propõe a buscar a bola, mas em troca, queria que a princesa promettesse que ele seria o seu companheiro: brincaria com ela, sentaria a seu lado na mesa, comeria junto no pratinho de ouro, beberia no mesmo copinho e dormiria na mesma cama. Ansiosa pela possibilidade de ter de volta o tão estimado brinquedo, a princesa promete ao sapo cumprir todas as exigências feitas por ele. O sapo mergulha no lago e, pouco tempo depois, traz a bola consigo. A princesa pega seu pertence e, mais do que depressa, trata de fugir daquele animal que a enojava. O sapo seguiu a princesa e batendo, insistentemente, na porta do castelo, chamou a atenção do rei. A princesa contou ao pai toda a história e tudo o que havia prometido. O rei, então, fez com que a filha cumprisse sua promessa. O sapo sentou-se à mesa ao lado da princesa, saciou sua fome e sua sede comendo e bebendo no mesmo prato e copo, como prometido e, cansado, exigiu que fossem para a cama. No quarto, aborrecida e furiosa por ter de dividir seus aposentos, a princesa atira o sapo contra a parede e, no mesmo instante, ele se transforma num belo príncipe, explicando que havia sido transformado em sapo por uma malvada bruxa (GRIMM, 1961, p. 35-42). Há, no entanto, outras versões nas quais o feitiço se desfaz com um beijo dado pela princesa no sapo.

com os príncipes das histórias infantis, Teresa idealiza seu homem por oposição a Gonçalo, homem real e fruto do desejo proibido, dotado de “braços cabeludos, peito cabeludo [...] cheiro de homem, cigarro e cerveja” (ABREU, 2002, p. 47), o que revela a dificuldade da protagonista em lidar com arealidade.

É com pouco de príncipe e muito de sapo que Teresa elege o seu pretendente, ironicamente a partir do oposto à idealização de homem:

e lá vinha ele descendo a rua, baixinho, cheio de tiques, os olhos saltados saltando para os lados. Um terno surrado dançando no corpo franzino, uma pasta embaixo do braço, caminhando como se fosse aos saltos. Um sapo perfeito (ABREU, 2002, p. 48).

Indagando pela vizinhança, Teresa descobre que ele era “professor de piano, pobre, solteiro, morava na pensão da esquina. O nome: Francisco, todos os chamavam de Chico” (ABREU, 2002, p. 48).

Decidida a conquistar o seu eleito, a estratégia adotada por Teresa é a de comprar um piano fazendo com que Francisco se aproxime dela, manipulando toda a situação. A compra do piano é censurada pelas irmãs e cunhados, entendida como um desrespeito à memória dos pais, além de um desperdício da herança. A atitude dos familiares revela o interesse que a família tem no controle do dinheiro e da vida de Teresa, além de expressar uma mentalidade regida por moralismo e repressão sexual.

A reação da família em relação à tentativa de Teresa pode ser vista como aquilo que Ciampa (1994) observa sobre o indivíduo deixar de “repor” certos aspectos da “identidade posta”. No caso do conto, a identidade “posta” de Teresa se apresenta, aos olhos dos outros, como solteirona, submissa, devota, calada. Ao tenta mudar o seu “destino”, interessando-se e tomando a iniciativa de aproximar-se de um homem, Teresa passa a ser vista, pelas irmãs como “assanhada”, “ingrata”, “profanadora de luto” e “cínica”.

Chegado o piano, Teresa não perde tempo e passa a ter aulas com Francisco, visto aos olhos da protagonista como um “homenzinho apagado demais, sempre quieto, como consciente do desprezo que provocava, e por isso mesmo mais desprezível” (ABREU, 2002, p. 49). É interessante notar o paralelo com a narrativa infantil, pois assim como a princesa, Teresa também se encontra, num primeiro momento, numa posição de superioridade em relação ao pretendente, além de que tanto o Sapo quanto Francisco causam repulsa ao feminino, condição que é revertida

após a transformação em príncipe. Aqui, a referência ao conto de fadas, acentua ainda mais a esperança da protagonista em ter o seu “felizes para sempre”.

Francisco carrega uma identidade social estigmatizada constituída tanto por estigmas desacreditados (sua feiúra, seus “tiques”), quanto por estigmas desacreditáveis (seu silêncio que indica constrangimento, sua classe social inferior à dela).

No conto, a invisibilidade social de Francisco pode ser vista como uma manifestação da exclusão tanto por parte da sociedade quanto por parte dele, que se autoexclui do convívio social. Apesar de portar algumas das características do príncipe encantado – toca piano, é sensível, delicado – tais traços ganham um quê de negativo, sobretudo, quando comparado a Gonçalo.

Gradativamente, Teresa passa a ter um afeto por Francisco, no entanto, o seu sentimento e as suas atitudes esbarram no controle social exercido pelo moralismo da cidade pequena em que vive, onde “os rumores na rua cresciam, todo mundo comentando a pouca vergonha” (ABREU, 2002, p. 49).

O comportamento de Teresa, além de reprovado pela família também começa a desagradar à vizinhança. Aqui, a condição de “moça de família” se revela, portanto, como uma espécie de camisa-de-força socialmente construída, que a impede de libertar-se da condição de “solteirona”. Para a família e a vizinhança enquanto representantes da “moralidade” e dos “bons costumes”, Teresa, deve permanecer solitária, virgem, solteira, mesmo que isso lhe custe sua felicidade.

Ironicamente, é Gonçalo que, portando-se como representante da instituição familiar e da moral, procura a cunhada para conversar sobre as atitudes dela para lembrar-lhe sobre a importância de “zelar pelo bom *nome da família*, tão representativo na sociedade local” (ABREU, 2002, p. 51). Nessa perspectiva, parece-nos que o que é decisivo na reprovação de um provável romance entre Teresa e Francisco não é tanto o fato de Francisco já não ser mais jovem ou por ser considerado feio, mas por pertencer a uma classe social inferior à dela.

Durante a conversa, Teresa reparara na mudança na cor dos olhos de Gonçalo, outrora verdes brilhantes, agora frios e opacos, revelando a transformação de Gonçalo que passa de homem sedutor e desejado a um cunhado interesseiro e controlador.

Após ouvir Teresa falar sobre Francisco, seu Príncipe Sapo, Gonçalo olhou-a com condescendência e “adoçou a voz como quem fala a uma criança – ou a uma louca” (ABREU, 2002, p. 51), fazendo com que todo o esforço dela por tentar se libertar da condição de solteirona seja visto como uma expressão de infantilidade ou loucura, o que sugere a necessidade de imposição de ordem, controle ou cura.

Firme em seu propósito, Teresa segue tendo suas aulas de piano, quando em uma delas, ela anuncia a Chico que iriam se casar. No entanto, o professor fitou-a e disse-lhe que isso não seria possível, pois sofrera um acidente com uma granada, no exército, e, desde então, não era mais “homem inteiro. Só meio homem” (ABREU, 2002, p. 53), retirando-se da sala e da vida de Teresa.

4. APENAS SOLIDÃO

Francisco não consegue superar a perda daquilo que o faz sentir um “homem inteiro”, carregando penosamente a sua dor e um sentimento de inferioridade em relação aos demais homens, às demais masculinidades.

Donald Sabo (2002) aponta a existência daquilo que denomina “masculinidade hegemônica”, compreendida como uma “forma de masculinidade predominante, a mais lisonjeada, idealizada e valorizada num determinado momento histórico” (SABO, 2002, p. 42).

De acordo com o referido autor, a masculinidade hegemônica se constrói em relação a outras masculinidades subordinadas e também em relação às mulheres, constituindo aquilo que denomina “feminilidade enfatizada”, que “constrói-se numa relação de subordinação e reciprocidade com a masculinidade hegemônica, em formas que reforçam (ou reconstituem) o poder masculino e as hierarquias dominadas pelos homens” (SABO, 2002, p. 42). Desse modo, a masculinidade hegemônica contribui para a demarcação simbólica de “lugares” sociais como também das expectativas em torno do sistema sexo-gênero.

Como assinala Guacira Lopes Louro (1997), a narrativa convencional adota uma das formas de masculinidade colocando-a como uma masculinidade hegemônica, através do qual as demais masculinidades passam a ser avaliadas e quanto mais se afastam dessa representação, mais experimentam práticas de discriminação ou subordinação.

Francisco se vê reduzido à sua mutilação e não consegue romper com aquilo que lhe causa sofrimento e uma vez que não consegue aceitar a si próprio por completo, tampouco é capaz de aceitar o outro, no caso, Teresa, frustrando as expectativas da protagonista de se casar. Desse modo,

A trajetória de Teresa, no conto, é tão mais angustiante porque, sem grandes perspectivas em virtude de uma limitada visão de mundo proporcionada pela educação que recebera, ela luta como pode contra o “emparedamento social” controlado pela tradição constituída por família, vizinhança, igreja e convenções

morais e culturais, que a condena a um lugar marcado: o de “solteirona” (OHE, 2010, p. 127).

Refém desse emparedamento que a aprisiona e vigia seu corpo, sua sexualidade, seus sonhos, agora, não mais livros, não mais histórias, não mais príncipes, restando apenas, só, mais uma entre tantas outras teresas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. *Ovelhas negras*. Porto Alegre: L&P Pocket, 2002.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão*. v. 22. Brasília. Jun. 2002.
- ARGÜELLO, Zandra Elisa. *Dialogando com crianças sobre gênero através da Literatura Infantil*. (Dissertação Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, RS, 2005.
- FELIPE, Jane; GUIZO Bianca Salazar. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade*. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.
- GRIMM, Irmãos. *Contos e lendas dos Irmãos Grimm*. Tradução de Íside M. Bonini. São Paulo: Edigraf, 1961.
- LOURO, GUACIRA Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.
- _____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- CIAMPA, Antônio C. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 58-75.
- COLLING, Ana Maria. Gênero e História: um diálogo possível? In: *Contexto e Educação*. Editora UNIJUÍ. Ano 19. n. 71/72. Jan/Dez. 2004, p. 29-43.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.
- MORENO, Montserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. Trad. Ana Vanice Fuzatto. São Paulo: Moderna. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- OHE, Ana Paula Trofino. *Identidade, estigmatização e exclusão social em contos de Caio Fernando Abreu*. 2010. 209 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2010.
- SABO, Donald. O estudo crítico das masculinidades. In: ADELMAN, M. & SILVESTRIN, Celsi. *Coletânea Gênero Plural*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002. p. 33-46.
- SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

TEDESCHI, Losandro Antonio. *As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica*. Dourados, MS: UFGD, 2012.

Recebido em 01/05/2018.

Aceito em 13/10/2018.